

# A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 14 do 3.º Ano

Redacção e Administração: Rua de Francisco Aguiar, 8

QUIMARÃES, 19 de Novembro de 1925

Composição e impressão: Typografia da Empresa de Publicidade

Rua de Mala -- F A F E

## ARRANHADURAS

### Eleições Municipais

Realizam-se no próximo domingo as eleições municipais.

Parece-nos não haver opposição á lista republicana.

Antes assim. Por vezes surgem umas listas multicolores denominadas, conforme os paladares, regionalistas, da cidade, etc., etc.

Listas apáticas em que a heterogenidade não esconde os fins: lucta contra a Republica, defeza de interesses próprios, etc., se bem que delas costumam fazer parte alguns republicanos que se deixam iludir pelo canto das sereias... monárquicas.

E parece-nos não haver opposição não porque elles não a esboçassem, mas sómente porque lhe falharam os trunfos com que contavam.

Os trunfos, muitas vezes, cortam as biscas.

Emfim, nós precisamos duma Camara que dê continuidade ao impulso forte dado ao desenvolvimento da cidade pela actual vereação que bem mereceu da cidade e do concelho de Quimaraes.

Esta é a verdade, embora pèse aqueles que nos chamam orgão da Camara.

Se houver luta, que os republicanos compareçam em massa elegendo nma vereação republicana, afastando assim das cadeiras do municipio os mixtos.

### Cobrança e expediente

Está em cobrança o 1.º semestre deste jornal. Esperamos que os nossos assinantes nos desculpem a irregularidade da saída, do jornal, que motivos vários motivaram.

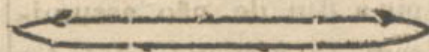
Tencionamos remediar esta falta, passando «A Razão» a ser publicada regularmente ás quintas-feiras.

### Galeria das Celebridades

Brevemente será inaugurada neste jornal a «Galeria das Celebridades Vimaraneses» que o lápis habil dum nosso colaborador irá posando.

Ficam avisadas as Celebridades.

## VIVA A REPUBLICA!



Embandeira um arco a imprensa independente e republicana pela ordem em que se fizeram as ultimas eleições.

A parte um ou outro incidente de somenos importancia e de remedio facil, o acto eleitoral decorreu com calma, sem os lamentaveis excessos de outros tempos, sem as tropelias e os desmandos a que nos iamso habituando, mercê da politica de campanário que entre nós assentou arraiaes.

E se atentarmos no facto de as eleições se terem realizado num periodo de manifesta crise politica e social, crise a que nos impeliram os embates de interesses de classes e de facções, mais e melhor se justifica a admiração e o contentamento dos que querem que o acto eleitoral se faça com honestidade e patriotismo.

Na verdade, se a ordem não foi completa, certo é que ninguem esperava que ela se mantivesse até onde se manteve, dadas a quantidade e a diversidade das opiniões em luta. Este facto e ainda a desusada concorrencia de eleitores só prestigiam o regimen republicano.

Contudo, se é com agrado que isto aqui registamos, não é com menos prazer que nos referiremos a este outro facto, tão grande como o primeiro: o eleitorado provou mais uma vez o seu amor á Republica. Mais uma vez as urnas provaram que a nação é republicana.

De nada valeu o dinheiro gasto a esmo pelos inimigos da Republica, como de nenhum efeito foi a propaganda aturada que dos seus principios fizeram. A victoria republicana é incontestavel e maior seria se não fôsse tão profunda a indisciplina dos partidos do regimen.

«Os republicanos são muitos» disse em Lisboa um eleitor ao Ex.º Sr. Presidente da Republica. E são.

Mas maior é a sua fé, que nem os erros, nem os desatinos de tantos anos conseguiram abatar.

Os eleitores deram a victoria á Republica. Oxalá que os eleitos saibam corresponder á confiança neles depositada, honrando as funções que vão exercer e dignificando o regimen que juraram servir.

VIVA A REPUBLICA!

Dório.

### SEMPRE PELO EMBARATECIMENTO DO PÃO

## Fóra! Fóra! Fóra!

A ladroeira continua a imperar sobre os pobres sem que, até á data, nenhuma providencia fossem tomadas pelas Autoridades!

Parece-nos um propósito este silencio completo que procura abafar a nossa voz como não discorremos da causa originária de tanta surdez!

O pão custa Esc. : 12\$00, e os snrs. padeiros vendem-no ao preço do pão de Esc. : 18\$00!

Que fazem as Autoridades?!...

Certamente enviam circulares para que seja permitida a entrada dos officiais de diligencia nas casas e recintos de espectaculos, como melhor administração republicana.

Fóra! Fóra! Fóra!

## e ARRANHADELAS

### «Para grandes males... grandes remédios»

Segundo o «The Over-Seas Daily Mail» das novas propostas sobre impostos, apresentadas ao parlamento francês pelo Snr. Painlevé, Presidente de Ministerio e Ministro das Finanças, com o fim de reorganisar as finanças do seu país, constam as seguintes taxas:

**Sobre terrenos e casas**—Uma importancia equivalente a ano e meio de rendimento.

**Artigos de mobillario, jofas, quadros e outras jofmas de «riqueza improduttiva»** excedendo 500 libras—8% do seu valôr.

**Negócios**—Meio ano de rendimento.

**Salários, excedendo 500 libras anuais**—Desde 3 a 5% de taxa.

**Balanços de Bancos (depósitos, fundos depositados, acções, etc.)**—15% do valôr do capital, pago um ano, em 14 prestações.

Sobre a taxa anual de 20 francos por cada cidadão adulto, a comissão de finanças da Camara Francêsa, pronunciou-se desfavoravelmente.

Os estrangeiros residentes em França, sofrem o mesmo tratamento que os nacionais; e as firmas estrangeiras são também atingidas quando realizem negocios directamente em França ou ainda por intermedio de agencias ou simples representantes.

### Carnelros agressores

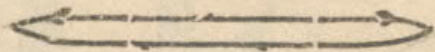
Há uns mês na rua 31 de Janeiro que, de quando em vez, dão a sua marradasita no transeunte pacífico.

Há dias feriram fortemente uma creança.

Não seria bom tê-los presos?

Chamamos a atenção do seu proprietario para o assunto.

# No sétimo aniversário do Armistício



ONA passada dia 11 come-  
çou-se o sétimo anivers-  
ário do «Armistício» que  
pôo ponto final á Grande  
Guerra.

Recordar a infinda ale-  
gria que, então, experimen-  
tamos ao receber essa boa  
nova e avivar o imenso or-  
gulho que invadiu os nos-  
sos corações de latinos,  
presentemente são máguas  
que choramos e dores que  
nos abatem de atroz deses-  
pêro.

Nesse momento inesque-  
cível, nessa hora alta da  
Pátria, dando expansão ao  
sentimentalismo, quasi be-  
bemos todo o sangue dos  
sacrificados da Flandres e  
da Africa e acreditamos  
ser essa a seiva que havia  
de fazer reverdecer este  
velho tronco—Portugal.

Nesse dia memorável,  
banido o receio pelos os  
horrores da guerra, a só  
pensamos que a Paz, gera-  
ria um ambiente de felici-  
dade e de trabalho profi-  
cuo, ambiente que nos

reabilitasse do esforço dis-  
pendido e nos proporcio-  
nasse a efectivação do so-  
nho de glória a que linhá-  
mos direito.

Hoje, apagado o éco da  
metralha, luz que se extin-  
guiu foi essa, deixando nos  
tanto ás escuras, que o mé-  
do tomou de todo o nosso  
espírito como apavorado  
com uma visão maldita,  
visão que tenta amarf-  
nhar-nos sem anómo algum  
de benevolencia—a visão  
da Miséria que, tempos a  
tempo, massacra a Hum-  
nidade.

A desilusão contrapõe-se  
á esperanza, desfeitas total-  
mente as palavras anuncia-  
toras da nova era, e, bem  
assim, a ancia da ventura  
agita-se naturalmente com  
o coração, em demanda  
da fé que o *après la guer-*  
*re* perdeu.

A luta é tremenda para  
vencer a loucura predomi-  
nante no cérebro dalgu-  
mas gerações, mas a certe-  
za da revindita não esmu-

rece o animo nem abate a  
coragem com que entremos  
para esta nova guerra.

Avista-se a clareira re-  
dentora e desconhecemos  
quais as carcovas por on-  
de os transejadores do Di-  
reito e da Paz possam fu-  
gir a fim de não assumi-  
rem as responsabilidades  
que tem perante todo um  
povo, responsabilidades  
que são o roubo e o assa-  
ssinato.

E Portugal há-de voltar  
a ter felicidade, uma vez  
limpo dos micróbios que o  
vem correndo desde 11 de  
Novembro de 1918, uma  
vez livre dos transejadores  
que o desejam lançar para o  
guano como matéria inca-  
paz de lhes dar o lucro ne-  
cessário para encherem as  
burras.

Há-de voltar a ter felici-  
dade, alcançar a glória que  
lhe pertence—o seu único  
Prémio de Honra!

*Stal.*

## Companhia Chaby Pinheiro

Nos dias 6, 7, 8 e 9 rea-  
lisaram-se as anunciadas  
réstas promovidas pela  
Companhia Chaby Pinhei-  
ro.

Pena é que o espaço nos  
não permita uma critica re-  
latada das peças que foram  
representadas e dos perso-

nagens que as interpreta-  
ram.

Contudo, no «Médico á  
Força», Chaby Pinheiro e  
Jesuíta revelaram-se artis-  
tas incomparáveis e de vas-  
tos recursos, artistas que  
honram um país e que são

verdadeiros glórias duma  
Pátria.

O conjunto não agradou  
devido á inferioridade de  
categoria dos outros artis-  
tas, excepção feita a San-  
tos Melo.

Encenação e guarda-rou-  
pa, bons.

## De soslaio

Continuado das «Arranhaduras...»

Certos individuos, quan-  
do passamos, olham-nos  
de soslaio, se não com  
ódio.

Mal sabem que esse  
ódio é um incentivo para  
nós que amamos a luta,  
a luta contra uma socie-  
dade cheia de maldade e

de hipocrisia.

Não quer dizer que se-  
jamos melhores que a D.  
Sociedade, mas não som-  
os hipócritas e isso já  
é uma qualidade.

Neste velho burgo ha-  
via deuses incensatos pe-  
los aduladores; tratantes  
a que outros tratantes  
chamavam boas pessoas;  
Zé-ninguens elevados a  
Eminências pela sabugi-

ce local.

Temos demonstrado  
que esses deuses são de  
barro; que os Zé-ning-  
uens não passam de ha-  
bilidosos.

Porque assim proce-  
demos, olham-nos de sos-  
laio, se não com ódio.

Esse ódio causa-nos  
um grande riso, um riso  
inorme de desprezo.

## Tristezas

*Val só em meio o Outono e já parece  
que vamos pelo Inverno rigoroso!  
O vento ruge, indómito, furioso,  
a chuva, do alto, em catadupas desce.*

*Tardes, noites, manhãs,—tudo entristece,  
tuda fica deserto e silencioso!  
Já nos não fala o luar, branco e saudoso,  
nem o sol nos envolve e nos aquece!*

*Que triste vêr as arvores despidas  
das folhas, sobre o chão apodrecidas,  
—ontem cheias de viço, aroma e cor!*

*Porem mais triste é vêr os desgraçados  
famintos, andrajosos, mulilados,  
sem terem pão, sem lume e sem amor!*

*J. Augusto de Castro.*

## Mar do Norte, jasigo de Portugal!

Dia lutuoso para o nos-  
so país, o 15 de Novembro.  
Atormentados pela saudade,  
é com intensa dor que re-  
lembramos os tristes mo-  
mentos que em Portugal  
se viveram, quando, ani-  
mada ainda pela esperanza  
de não ter perdido um dos  
seus mais queridos filhos,  
a terra portuguesa quasi  
agonisava torturada pela  
desdita.

Passa agora o primeiro  
aniversário dessa data fa-  
tídica, que Portugal recor-  
da com Horror, em que  
tragica, mas valorosamen-  
te, Sacadura Cabral—o au-  
daz cavaleiro do ar—e o  
seu fiel mecânico para  
sempre desapareceram no  
seio de allerosas ondas.  
No seu tenebroso leito o  
oceano que tanto escarne-

ceram, quando serenamen-  
te o sulcavam um desafio,  
em quasi minusculos bar-  
cos, guardará pela eterni-  
dade, como precioso tesou-  
ro, os restos dos dois He-  
rois lusos, arrancados num  
furia selvagem das azas  
da glória, quando os seus  
braços se estendiam já pa-  
ra o berço natal.

E os portugueses, en-  
quanto comovidamente  
ajuelham resando, e ver-  
tem lágrimas de saudade  
profunda, amaldiçoam es-  
se mar traçoero e cruel,  
esse mar implacavel que  
enlutou uma Raça e feriu  
de morte uma Pátria—o  
Mar do Norte, jasigo de  
Portugal!



## GAZOLINA

### “Shell”

## a melhor.

UM PRECLARO...

Nemo, o jornalista illustre, o illustre jornalista, o maior de todos, o vigoroso, o talentoso e tudo o mais que vozelencias quiserem, Nemo esta com a calva á mostra, como qualquer bisonho conselheiro a quem arrancassem o *capachinho*. A questão religiosa, em que Nemo tão monarquicamente se meteu, foi um sedirto que ameaça pôr-lhe as talassicas ventas num crivo. Ora leiam o que diz o dr. Quirino de Jesus:

«O Jornal *A Epoca* é um dos maiores cancros de Portugal. Eu seria forçado algum dia a pô-lo bem a descoberto, por interesse publico.

Fernando de Sousa (Nemo) director de «*A Epoca*»... fez um relato *falso, aleivoso e odiento* da minha evolução publica, desde 1893, ligada ás reizes do Centro Catolico».

E mais abaixo: «Nemo assinalara-re pela falta de tacto e pela virulencia da linguagem. Não tinha formação de espirito para ser um publicista politico.»

E mais alem: «Depois do desaparecimento de «*A Ordem*» fundava o padre Terças «*A Epoca*», ficando director desta Fernando de Sousa (Nemo) sua situação de religioso (a situação do padre Terças, é claro) ia assegurar-lhe o exito da empresa. Captava dedicações, obtinha favores.... abria fontes de dinheiro para lançar e manter o jornal.... Foi uma obra feita pela *invo-*

*cação persistente dos interesses missionarios e catolicos*, embora, afinal, comprometidos pelos da politica *ao serviço da qual foi enganosamente posto o jornal*. Não foram, porem, este apenas os recursos. O jornal *vendia-se* pela publicidade como os outros. Ai por 1920, «*A Epoca*» encheu a sua primeira pagina, *per grossa quantia*, com a defesa da moagem».

E, continuando: «No entretanto «*A Epoca*» ia tomando atitudes cada vez mais faciosas e violentas contra o poder estabelecido, mais desalinhas na politica religiosa e mas favoraveis aos interesses viciosos das oligarquias sociais. Acima de tudo «*A Epoca*» falou para ser compreendida dos *fanatismos, das ingenuidades*, das paixões, dos instintos, das rudezas, das furias daqueles que julgam estar o mal todo na Republica e na impiedade e o remedio unico na Monarquia e na religião, sem mais nem menos. Veio com as duas edeias de trono e de altar e com a cega veemencia da alma portugêsa corresponder ao genio curto daquele messianismo tipico, ora apático, ora epilético, sempre simplista, que o sebastianismo, o miguelismo, o tranquismo e até o sidonismo, so formalmente republicano, trouxeram para a literatura e para a vida publica em Portugal.

«*A Epoca*» abandonou o povo, amparou, com defezas ou

com silencios as eugrenagens financeiras e economicas, as posições parasitarias, os interesses maus da plutocracia, da banca, dos tabacos, dos fosforos, dos latifundios, quasi sempre os da moagem, onde estão os vicios que mais impedem a fixação de mografica, a ordem e a prosperidade..... Fez politica atorabiliaria, sanhuda, apaixonada, *com exaggeros boatos, falsidades, inoções, calunias, injurias, insolencias e escandalos*..... Multiplicou os odios populares contra a monarquia e contra o catolicismo..... Espirito cristão, praticas do Evangelho, patriotismo reflectido... respeito das cans proprias e das alheias—tudo falta na *Epoca*. Ficou-lhe um sectarismo que vê por toda a parte, com obsessão, para o seu odio sistematico e impetuoso, o democratico, o maço, o judeu.... e não se vê a si proprio, misto de fanatismo e hipocrisia, aberração da fé, apostolismo condemnado, veneno da Igreja e da Pátria.

Basal! Os leitores ficam a a saber o nome ao santo.

Nemo, o illustre, encontrou no catolico de Quirino de Jesus um biografo sem papas na lingua. Pena é que não possamos transcrever toda a obra. Paciencia.

Demais, o que ai está já chega.

O sublinhado é nosso.

«*A Epoca*», Nemo.... Mas que grandes melros!...

FARMÁCIA NORMAL DE GUIMARÃES

DE

Manuel Jesus de Souza

17, Praça de D. Afonso Henriques, 20

Grande stok de especialidades farmaceuticas

**FAFE HOTEL CENTRAL**  
(vulgo da Felismina)

Fabricao especial de Pão de Ló e dôces finos  
Pão de milho de superior qualidade

Unico depositário em Guimarães: **Casa Barbosa** Rua da Republica (Feira do Leite)

# **FAFE HOTEL CENTRAL** (vulgo da Felismina)

**Fabricao especial de Pão de Ló e dôces finos**  
**Pão de milho de superior qualidade**

**Unico depositário  
em Guimarães:**

**Casa Barbosa**

**Rua da Republica  
(Feira do Leite)**

**FARMÁCIA NORMAL DE GUIMARÃES**

DE

**Manuel Jesus de Souza**

**17, Praça de D. Afonso Henriques, 20**

**Grande stok de especialidades farmaceuticas**

**Ferragens, Cutelarias e Pentes**

DE

**A. J. Ferreira da Cunha**

**38, Praça de D. Afonso Henriques, 39 - (Toural)**

**VENDAS POR JUNTO E A RETALHO**

**GUIMARÃES**

**V. Ex.ª precisa comprar um serviço**

**.. para jantar, chá ou lavatório? ..**

**Recomenda-se a**

**: Antiga Louçaria Rezende :**

DE

**Manuel R. Ferreira da Costa**

**Rua da Assunção, 38 -- PORTO**

**UNIÃO INDUSTRIAL**

**Armazem de cabedais, Ferragens, Cutelarias,  
Pentes e artigos da industria vimaranense**

**Oliveira, Castro & C.ª, L.ª da**

**Fábrica Manual de Calçado**

**GUIMARÃES**

**A RAZÃO**

3.º ANO

N.º 12

Redacção e Administração: **Rua de Francisco Agra, 8 — GUIMARÃES**

Ao Ex.º Sr.